



## EM TEMPO

GILBERTO TANNUS

### Grandes entrevistas imaginárias

Entrevistado: Professor José Mo-nir Nasser (1957-2013). Autor de “A Economia do Mais” e prefaciador de “O Trivium” (É Realizações), escrito pela Irmã Miriam Joseph.

NJ: O senhor chama o nosso sistema nacional de ensino de “monstrego” e de “escandaloso fiasco”. Por quê?

NASSER: No Brasil, depois de sequestrarmos as crianças de suas casas pelo menos cinco horas por dia e gastarmos com elas um quarto do orçamento, descobrimos, oito anos depois, atônitos, que a maioria não sabe ler... E isto apesar de todas as siglas atrás das quais se esconde a bilionária incompetência pública...

NJ: Esse é um problema exclusivamente brasileiro?

NASSER: Não. Aliás, o enigma da baixíssima eficiência do ensino foi em parte resolvido na década de 1970 pelo padre austríaco Ivan Illich (1926-2002), que propôs a sociedade sem escolas. A tese de Illich, cujo mérito avulta na proporção direta do fracasso educacional geral, é que o sistema de ensino não tem por objetivo realmente educar, mas somente distribuir socialmente os indivíduos, por meio do ritual de certificados e diplomas. A escola formal, esta que Illich deseja suprimir, não é um meio de educa-

ção, mas um meio de “promoção” social, fato que as pessoas humildes revelam perceber quando insistem com o Joãozinho: estude, meu filho, estude...

NJ: Por que o sistema de ensino não produz educação?

NASSER: Não educa porque está ocupado demais em produzir documentos. A Educação terá de ser buscada preferencialmente alhures, em outro lugar, fora do sistema, longe da escola. É claro, sempre haverá um professor ou outro que, valendo-se da apatia do sistema, dará, por sua própria conta, aulas magistrais e educará de fato, contanto que seus alunos o desejem, o que, obviamente, nem sempre é o caso.

NJ: De fato. A maioria dos alunos não quer aprender, não deixa o professor dar aulas.

NASSER: Temos aí uma espécie de lei geral com correlação inversa: a capacidade de educar alguém é inversamente proporcional à oficialidade do ato e diretamente proporcional à liberdade de adesão do educando. A educação prospera mais quando se procura aprender livremente, fora do sistema. Perdeu-se de vista a própria ideia de educação, hoje entendida como adestramento coletivo de modismos politicamente corretos, a tal da “esco-

la cidadã”, transmissora de valores.

NJ: Por que “O Trivium”, de Miriam Joseph, traduzido e adaptado para a língua portuguesa por Henrique Paul Dmyterko, deve ser comemorado por nós, educadores?

NASSER: As Sete Artes Liberais da Idade Média dividiam-se em Trivium (retórica, gramática e lógica) e Quadrivium (aritmética, música, geometria e astronomia). Para Hugo de São Vitor (1096-1141), no “Didascálicon”, a gramática é a ciência de falar sem erro. A dialética é a disputa aguda que distingue o verdadeiro do falso. A retórica é a disciplina para persuadir sobre tudo o que for conveniente. Pois bem, a primeira condição para entender “O Trivium” da Irmã Miriam é compreender que ensinar retórica, gramática e lógica fazia parte de um verdadeiro projeto de educação de que não há nada equivalente no mundo moderno. “O Trivium” é mais que um manual para desenvolver a inteligência, é uma luz brilhando na escuridão em que atiramos a verdadeira educação.

*jgcarll@yahoo.com.br*  
**Gilberto Tannus é mestre em História pela Unesp**